

**USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS
NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
DE GÊNEROS TEXTUAIS COM ÊNFASE NA POESIA**

Valquíria Aranda Ventura da Silva (UEMS)

valquiriaaranda@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

Aline Saddi Chaves (UEMS)

chaves.aline@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa abordou o uso de dispositivos móveis no processo de ensino e aprendizagem do gênero textual poema, visando a diversificar e enriquecer a prática de produção textual com alunos do 8º e 9º anos da Escola Estadual Rotary Club, Corumbá, MS, tendo a tecnologia como suporte pedagógico. Os métodos empregados foram o descritivo, quali-quantitativo, a coleta de dados mediante questionários com perguntas fechadas e a prática de produção textual baseada na sequência didática de Schneuwly e Dolz (2004). Desse modo, os resultados referentes às entrevistas realizadas com 241 pessoas, entre professores e alunos demonstraram que 78, 83% possuem celular e 21,16% ainda não possuem este dispositivo. Com relação à sequência didática do gênero poema, foi possível desfazer algumas representações prévias, segundo as quais “escrever poesia é complicado, difícil, chato, quadrado, ultrapassado”, “coisa de menina”, dentre outras. Em cada atividade proposta, os alunos aumentaram gradativamente o conhecimento com relação ao gênero. A partir disso, obtivemos inúmeras produções e compartilhamento das produções via aplicativo *WhatsApp*. Ao término desse trabalho, concluímos que o celular pode ser um instrumento produtivo nas escolas, e defendemos a alteração da lei nº. 2.807 de 18/02/2004, constado no III – redação dada pela Lei nº 3.781 de 11/11/2009, que deixe mais claro o uso educativo do aparelho celular para fins pedagógicos.

Palavras-chave: Gênero textual. Sequência didática. Poesia. Tecnologia.

1. Introdução

Neste artigo, mostramos os resultados de reflexões e práticas realizadas nas disciplinas: aspectos sociocognitivos, meta-cognitivos da leitura e escrita no mestrado profissional em letras (PROFLETRAS), visando ao aprofundamento teórico e metodológico nas áreas de linguística e

linguística aplicada às novas tecnologias da informação e comunicação na educação (TICE).

A pesquisa aborda o uso de dispositivos móveis no processo de ensino e aprendizagem de gêneros textuais, com ênfase na poesia, visando a diversificar e enriquecer a prática de produção textual tendo a tecnologia como suporte pedagógico.

A escolha pelo tema justifica-se pela busca de motivação dos alunos no que se refere à leitura de poesia, tendo em vista a situação de aprendizagem. Com efeito, os alunos participantes da experiência didática podem ser considerados nativos digitais, isto é, vivem conectados a diversos dispositivos tecnológicos, principalmente o celular, e demonstravam pouco interesse pelas aulas.

No entanto, esta pesquisa não pretendia formar poetas, mas alunos aptos a se apropriar do gênero em questão, e críticos em relação aos problemas ao seu entorno. De modo complementar, buscamos meios para sanar esses desafios.

O referencial teórico da pesquisa é baseado em autores que investigam a utilização dos recursos tecnológicos na sala de aula e um enfoque didático pedagógico no ensino de gênero textual dentre eles estão: Souza (2003); Almeida et al (2003); Schneuwly e Dolzy (2004); Silva (2010); Moran (2009); Kenski (2010); Gebara (2011); Silva (2013); Caldeira (2013) e entre outros

Com relação à metodologia, a pesquisa é descritiva e quali-quantitativa (DUARTE, 2002; DALVO et al., 2008), e também incluiu coleta de dados por meio de questionário com perguntas fechadas. No tocante à produção textual dos alunos, baseamo-nos na noção de sequência didática de Schneuwly e Dolzy (2004).

Assim sendo, esse trabalho tem como principal objetivo fazer com que os alunos se apropriem do gênero textual poema, fazendo uso do celular como suporte pedagógico.

1.1. Tecnologia e prática pedagógica

Na época atual, não há mais como fugir. Definitivamente, as tecnologias digitais fazem parte do cotidiano do homem do século XXI, intervindo diretamente em suas atividades diárias, sobretudo comunicativas, transformando, desse modo, os comportamentos. Estamos inseridos,

assim, em um novo contexto, uma nova maneira de nos relacionarmos e de vivermos em sociedade, moldando, modificando hábitos, modos de ouvir, ver, ler, pensar, sentir, o que também inclui mudanças de valores. (DIAS & FRANCISCO FILHO, 2003)

No entanto, faz-se necessário refletir e repensar as novas maneiras de produzir e adquirir conhecimentos neste mundo globalizado de constantes mudanças. De um modo geral, portanto, a tecnologia tem contribuído para o desenvolvimento do ser humano, e muitos destacam que as novas tecnologias precisam ser compreendidas e utilizadas como mediadoras para superar diferenças na sociedade. (SANTOS & MORAES, 2003)

Neste contexto contemporâneo, o docente precisa estar atento e preparado para o uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, pois toda mudança social também passa pela comunidade escolar, onde deve ser compreendida e traduzida em novas práticas.

Porém, os estudiosos apontam que, para que ocorra a assimilação adequada da tecnologia nas práticas escolares, é necessário que o aluno compreenda os meios e os objetivos definidos, especialmente sob a tutela de um mediador, o professor.

Antes disso, o professor mediador terá que desenvolver um planejamento, refletindo sobre todas as etapas das atividades propostas, com vistas à execução das ações em sala de aula. E também deverá dominar os conteúdos da disciplina que ministra, as técnicas e métodos utilizados na sua docência, atualizando-se permanentemente por meio de formações pedagógicas e autoformação.

Segundo Freire (2002, p. 25), o educador é mediado pelo diálogo com o aluno, já que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção”. Ao trazer a tecnologia para a sala de aula, o professor oferece novas alternativas que facilitem o aprendizado, a fim de que os alunos não apenas se apropriem de novos conhecimentos, mas, também, que interajam com eles, com base em sua realidade. (TOSCHI, 2010)

Nos últimos anos, ocorreu um grande crescimento no número de telefones celulares no Brasil. Em 2011, havia cerca de 24 milhões de celulares e, em 2014, esse número elevou-se para 273 milhões. De acordo com a agência de telecomunicações da ONU, o número de celulares vai superar a população mundial. A agência estima que no próximo ano

(2017) o número de assinaturas de linhas móveis passará de 7,1 bilhões, mesma quantidade de habitantes do planeta.

Conforme pesquisas realizadas nas regiões brasileiras pela Geração Interativas Brasil – Crianças e Adolescentes diante das telas (2012), o acesso aos telefones celulares ocorre cada vez mais cedo, bem como sua presença cada vez mais comum em sala de aula, para desespero de muitos professores.

No entanto, a utilização desses dispositivos eletrônicos móveis aumenta os desafios na realidade escolar. Segundo Bento et al. (2013), os educadores precisam se adequar à realidade desenhada pelas novas tecnologias da informação e comunicação móveis e sem fio (TIMS). Dentre estes dispositivos, está o celular, dotado de diversos recursos (aplicativos) que podem e devem ser utilizados na sala de aula como uma ferramenta produtiva e enriquecedora, enquanto suporte pedagógico.

1.2. Sequência didática do gênero textual: poema

O objetivo da sequência didática elaborada foi introduzir e incentivar o estudo da poesia e a criação de textos poéticos de maneira a favorecer um conhecimento amplo a respeito deste gênero: o contexto de produção, circulação e recepção, o tema, a estrutura formal (construção composicional), e o estilo. O objetivo maior era tornar os alunos leitores proficientes e com senso estético para interpretar, compreender e produzir poemas.

As etapas da sequência didática foram elaboradas com base em atividades (módulos) que visavam a despertar no aluno o interesse e o gosto pela leitura poética.

O gênero textual poema é um dos mais ausentes na sala de aula. No ensino fundamental – série finais, este está praticamente banido das aulas de língua portuguesa. Os alunos têm acesso aos textos poéticos somente no livro didático, para desenvolver atividades que não o fazem refletir. Atividades estas direcionadas para fins ortográficos ou gramaticais, realizadas de forma mecânica, isolada e fragmentada. Conforme Gebara (2011, p. 25),

Um exemplo de problema frequente é a veiculação de estereótipos em livros didáticos e similares. Ao se exigir que o aluno analise o texto literário, utilizando uma série de questões objetivas com respostas únicas, em muitos casos, condiciona-se um comportamento com fins funcionais. O sujeito frente

ao texto, em ambiente escolar, procurará elementos que conduzam à expectativa condicionada como resposta aos exercícios ou a conclusão de uma atividade. Nesse caso, deixa-se de aproveitar o repertório de cada um, pois a tarefa de leitura é estabelecida e direcionada por um agente externo, tornando-se, portanto, alheia ao leitor. Este se reduz nestes casos a uma peça do jogo em vez de ser um participante. Essa postura em relação a compreensão, muitas vezes, é apenas o reflexo de uma expectativa: um patamar que todos os alunos devem cumprir. Não se preveem as diferenças individuais, o repertório de cada um, nem tão pouco as diferentes realidades que vive cada leitor.

Assim, os alunos não desenvolvem o prazer, a fruição da leitura (GERALD, 1999). E, tampouco, têm o hábito de ler textos poéticos apresentando ainda mais dificuldades e/ou menos interesse. Além disso, o aluno tem contato com o gênero textual "poema" apenas em leituras propostas pelo professor, mas não as vivências em seu cotidiano, a exemplo disto temos: as apresentações em datas comemorativas. É determinado ao aluno que faça uma leitura sem nenhum planejamento e criatividade, tornando o momento maçante e pouco proveitoso. Portanto, precisamos de novas ferramentas, reavaliar nossas práticas pedagógicas e elaborar estratégias capazes de despertar a sensibilidade dos jovens para o mundo da poesia.

A sequência didática é uma proposta de transposição didática eficaz como forma de introduzir os alunos no universo da poesia. De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p. 97) “uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada uma dada situação de comunicação”. A estrutura de base de uma sequência didática é constituída pelas seguintes etapas: apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2, módulo 3 e produção final (Fig. 1), como demonstra o esquema a seguir.

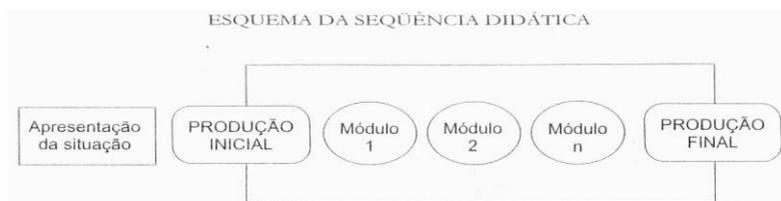


Fig. 1. Esquema da sequência didática. Fonte: Dolz et al. (2004, p. 98).

Deste modo, sequência didática de pra oral ou para a escrita apresentada, descreve a:

1.2.1. Apresentação da situação

a) Os alunos devem ser expostos ao projeto coletivo de produção de um gênero textual (qual o gênero, destinatário da produção, suporte etc.).

b) Os alunos precisam perceber a importância dos conteúdos trabalhados.

1.2.2. A primeira produção

Define o momento em que o professor pode intervir, e o caminho que o aluno tem a percorrer:

a) Um primeiro encontro com o gênero (a produção inicial pode ser simplificada, ou somente dirigida à turma, ou a um destinatário fictício).

b) Realização prática de uma avaliação formativa e primeiras aprendizagens.

1.2.3. Os módulos (ou oficinas)

A atividade de produzir um texto é decomposta em partes:

a) Trabalhar problemas de níveis diferentes:

– Representação da situação de comunicação (contexto de produção).

– Elaboração dos conteúdos (o aluno deve conhecer as técnicas para buscar, elaborar ou criar conteúdos).

– Planejamento do texto (infraestrutura textual).

– Realização do texto (meios de linguagem eficazes).

b) Variar as atividades e os exercícios. Três categorias de atividades e exercícios:

– As atividades de observação e de análise de textos.

– As tarefas simplificadas de produção de textos.

– A elaboração de uma linguagem comum.

- c) Capitalizar as aquisições (lista de constatações).
- a) Investigar as aprendizagens
- b) Avaliação de tipo somativo (confronto da produção textual com a lista de constatações).

2. Metodologia

2.1. Área de trabalho – caracterização da escola

A Escola Estadual “Rotary Club”, onde foi realizada a experiência aqui relatada, atende às etapas de ensino fundamental e médio. Situa-se no município de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul (MS). A escola foi fundada em 1971, com a denominação: Escola “Rotary Club”. Esse nome foi-lhe atribuído por pertencer aos rotarianos, em parceria com o SESI (Serviço Social da Indústria), funcionando inicialmente, com turmas do ensino primário de 1ª a 4ª série e com turmas de pré-escolar.

A partir de 1983, a escola passou a pertencer à rede estadual, pelo decreto nº1978 de 13 de janeiro de 1983, passando a denominar-se Escola Estadual “Rotary Club”, funcionando com turmas do então 1º grau e do pré-escolar. Em 1º de dezembro de 2003, a partir da resolução 1678, foi credenciada a autorização e funcionamento do ensino médio. Em 2004, o educandário funcionou com seis turmas do ensino médio regular noturno. A partir de 2009, deixou de funcionar o ensino médio noturno por determinação da Secretaria Estadual de Educação (SED), por não ter alunos matriculados, passando a funcionar o ensino médio somente no período matutino.

2.2. Turmas envolvidas no projeto/tempo

O projeto contou com o envolvimento das turmas do 8º ano “A/B” e 9º ano “A”. A duração do projeto foi de aproximadamente três meses.

2.3. Levantamento do quantitativo de dispositivos móveis na escola

Este projeto foi dividido em duas etapas: na primeira, foi realizado um levantamento do quantitativo de dispositivos móveis na escola. Os

alunos elaboraram um questionário com dez questões fechadas, seguindo os métodos quali-quantitativos. (DUARTE, 2002; DALVO et al., 2008)

O questionário foi aplicado a 241 pessoas, entre alunos e professores, e as perguntas versavam sobre o uso do celular na sala de aula, e sua rentabilidade no processo de ensino e aprendizagem (Fig. 2, 3, 4 e 5). Posteriormente, os dados obtidos foram analisados e tabulados. Na segunda etapa, foi realizada a sequência didática de poesias, como descritas no tópico 2.4.

2.4. Procedimentos da prática pedagógica na sala de aula

Na sala de aula, as atividades seguiram a seguinte sequência:

Aula 1: Utilizou-se o livro *Poemas para Brincar*, de José Paulo Paes. Posteriormente, juntamente com os alunos, a obra foi manuseada, e foram observados elementos como capa, nome do autor, ilustrador, imagens, ou seja, foi realizada a leitura sensorial do livro. Já na sequência, com o uso do projetor de multimídias, exibiu-se o primeiro poema do livro, intitulado “Convite”.

Os alunos, devidamente orientados pelo professor, responderam aos seguintes questionamentos:

- Você acha possível brincar com as palavras?
- Você conhece alguma brincadeira envolvendo as palavras?
- Por que você acha que o autor afirma que brincar com as poesias é brincar com as palavras?
- Por que, ao brincar com as palavras, elas vão ficando novas?
- O título do texto é "Convite". Ele sugere algo a você?

Após a reflexão por meio de interação oral, foi entregue aos alunos uma cópia do poema impresso. Em seguida, eles analisaram a estrutura textual do gênero poema: disposição do texto, estrofe, verso, rima, sonorização e ritmo. Nesta etapa, levou-se em conta o conhecimento prévio e o registro detalhado da análise em cartaz. Ao final, o professor deixou claro que o gênero em estudo seria a poesia

Aula 2. Produção inicial – Foram distribuídas diferentes imagens impressas, sugerindo temas variados, tais como: natureza, meio ambien-

te, amor, amizade, solidariedade entre outros. Em seguida, a turma foi dividida em duplas para produzir um poema, com base na imagem escolhida.

Aula 3. Nesta aula, foi trabalhado o poema “Bicho”, de Manuel Bandeira. Alguns alunos fizeram a leitura e, em seguida, foram exibidos alguns vídeos de declamações, para que eles fizessem a comparação entre suas próprias e as dos vídeos.

Aula 4. Retomou-se, nesta aula, o poema “Bicho”, de Manuel Bandeira. Em seguida, a análise foi realizada a partir das seguintes questões:

- Todo poema tem rima?
- Qual é a função da rima no poema?
- Todo poema fala de amor?
- Poema é a mesma coisa que poesia?
- Escrever poemas é “coisa de menina”?

Então, após as indagações e análise, foi registrado no caderno do aluno todo o processo.

Aula 5 e 6: Nestas aulas, foi realizada a análise linguística da produção inicial, em que cada dupla se apropriou aleatoriamente do poema de seu colega. Com relação à análise e correção, estas foram, desde o princípio, mediadas pelo professor. Ao final, cada dupla reescreveu seu texto, apresentando aos demais colegas a escrita final.

Aula 7: A turma dirigiu-se à sala de tecnologia para pesquisar imagens da natureza pantaneira. Ao retornar à sala de aula, foi proposta uma produção final inspirada nas imagens do Pantanal.

Aula 8. Feita a produção final, e após as análises de correção necessárias, criou-se um grupo no aplicativo *WhatsApp*, intitulado “Eco do Pantanal”. O nome do grupo foi sugerido pelos próprios alunos, e as turmas compartilharam as poesias.

3. Análise dos resultados

Os dados obtidos na pesquisa de levantamento quantitativo de dispositivos móveis, realizada com as 241 pessoas entrevistadas, de-

monstram que 78, 83% possuem celular, contra 21,16%, que não possuem esse dispositivo. Também apontam outras informações contidas nas **Fig. 2, 3, 4 e 5**.

Os entrevistados foram questionados sobre o uso pedagógico do celular. Foram indagados se consideram o celular um recurso pedagógico. As respostas revelam que 75, 11% consideram que sim, contra 24,90%. (**Fig. 2**)

A título de curiosidade, foi abordado o questionamento sobre as marcas de celulares existentes na escola. A marca mais popular é Samsung, com 35,27%, e a menos popular, Multilazer 0,41%. A **Fig. 4**, sobre a quantidade de celular disponíveis na escola por pessoa, revela que 70,54% possuem apenas um celular, enquanto 6,63% possuem dois celulares. Agora 2,48% possuem mais de dois celulares. Entretanto, observamos que 20,33% dos entrevistados não possuem nenhum celular. Os dados da **Fig. 5** indicam que ainda existe grande resistência ao uso do celular na sala de aula para fins pedagógicos: 29,47% alegaram que não utilizam por causa da lei de proibição; 19,09% responderam que o uso atrapalha a aula; a maioria, 49,38% respondeu que o uso do celular provoca a falta de atenção. (**Fig. 5**)

Mesmo o uso do celular sendo proibido nas salas de aula, conforme a lei nº. 2.807 de 18/02/2004, constado no III – redação dada pela Lei nº 3.781 de 11/11/2009, a realidade é que os alunos continuam utilizando esse aparelho. Mas, no parágrafo único, o texto da lei afirma que, caso ocorra em estabelecimento de ensino ou em evento com fins pedagógicos, o uso de aparelhos celular poderá ser permitido pelos responsáveis do estabelecimento ou evento (redação dada pela Lei nº 3.781, de 11/11/2009). Na opinião dos alunos, atividades diferenciadas com o dispositivo deveriam ocorrer com mais frequência.

Com relação à sequência didática do gênero poema, observou-se em cada etapa a desmistificação de valores, tais como: que escrever poesia é complicado, difícil, chato, quadrado, ultrapassado, coisa de menina, entre outros. Em cada atividade proposta, os alunos aumentaram gradativamente o conhecimento com relação ao gênero. E a partir disto, obtivemos inúmeras produções e compartilhamento destas via aplicativo *WhatsApp*, mas optou-se por apenas uma poesia representativa neste artigo. (**Fig. 6**)

A produção inicial proporcionou o mapeamento prévio dos alunos. Os poemas produzidos apresentaram problemas de estrutura, falta

característica do gênero e problemas de organização das ideias. A correção e as análises dos poemas permitiram, gradativamente, que se construísse a apropriação do gênero em estudo, adquirindo as habilidades de identificar os elementos organizacionais e estruturais, envolvendo-se em prática de produção e recitação de poemas. O mais gratificante foi despertar o gosto pela leitura poética.

Ao criar o grupo no *WhatsApp* “Eco do Pantanal”, contextualizou-se uma real e efetiva comunicação, onde os interlocutores foram seus colegas de sala e das demais turmas. Segundo Geraldí, (1986 p. 27), “a aula de redação não é mais que espaço temporal, aproveitável ou não, para iniciar um processo de interlocução à distância dos textos aí produzidos, saindo em busca de leitores efetivos”. Na proposta de produção textual realizada nessa sequência didática, o aluno não escreve para a escola e sim na escola, o interlocutor é real

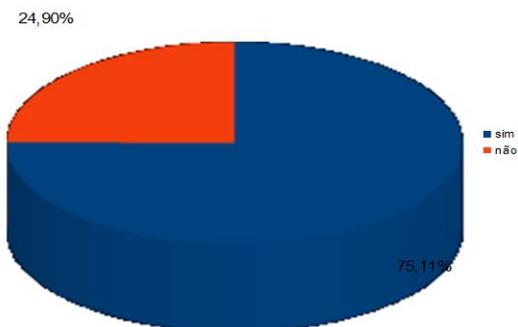


Fig. 2. Respostas sobre o uso de dispositivos móveis como recurso pedagógico

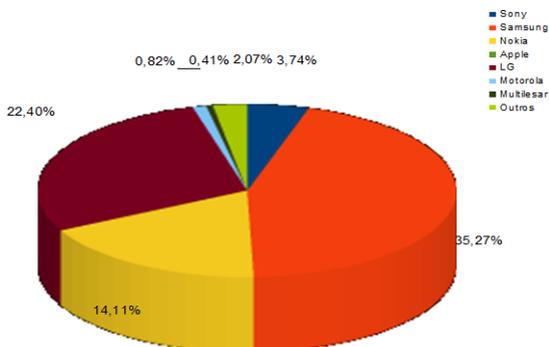


Fig. 3. Relação das marcas de dispositivos móveis existentes na escola

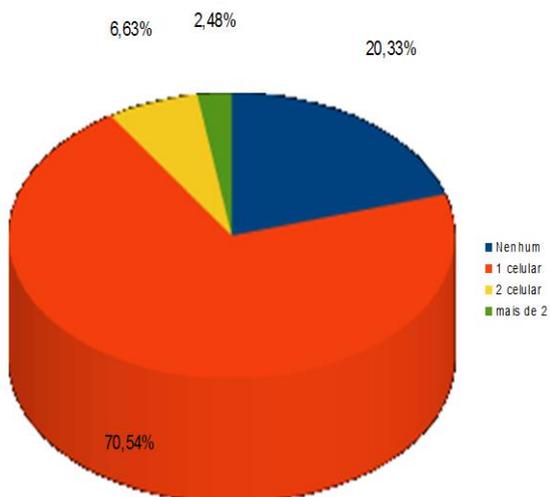


Fig. 4. Quantidade de dispositivos móveis por aluno e professores entrevistados.

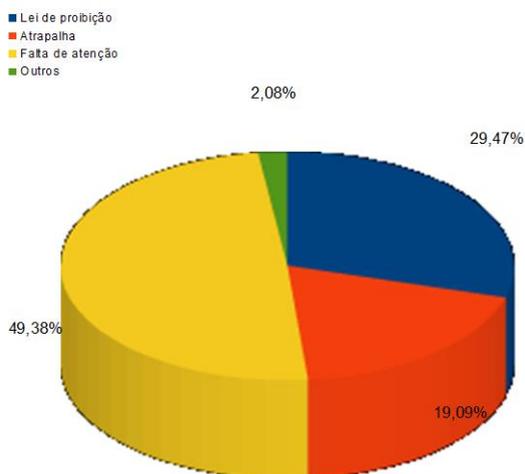


Fig. 5. Respostas sobre os motivos pelos quais não se deve usar o telefone celular para fins pedagógicos.

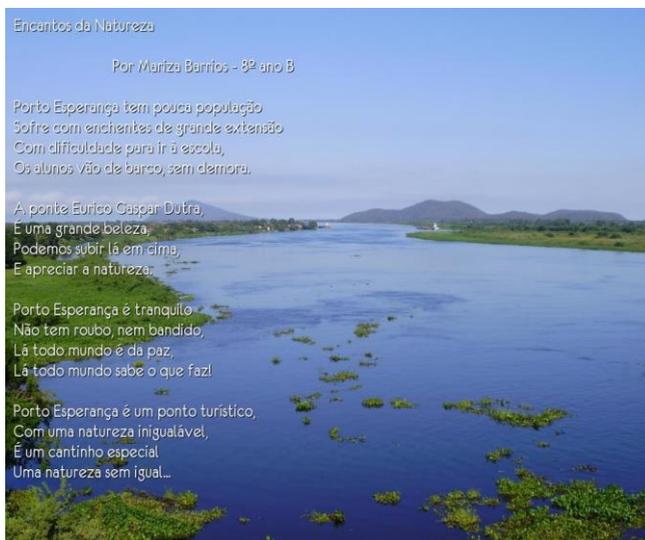


Fig. 6. Um exemplar das produções e compartilhamento feito pelos alunos no grupo “Eco do Pantanal”.

A partir dos dados obtidos, podemos inferir, ainda, que existe uma parcela significativa de estudantes que não têm acesso ao telefone celular, por questões socioeconômicas.

4. Considerações finais

Ao final deste trabalho, concluímos, com base na experiência didática realizada, que o telefone celular pode ser um instrumento produtivo e enriquecedor no processo de ensino/aprendizagem do gênero textual poema. Esse argumento parece ser relevante para se (re)pensar a lei nº. 2.807 de 18/02/2004, constado no III – redação dada pela Lei nº 3.781 de 11/11/2009 de proibição de modo a permitir o uso de telefones celulares para fins estritamente pedagógicos.

Mas, como vimos, ações de planejamento se fazem necessárias, como formações pedagógicas e elaboração de sequências didáticas, de modo que o celular não seja apenas um instrumento de entretenimento, mas um suporte capaz de atrair a atenção dos alunos, motivando-os para se apropriarem de novos conhecimentos, em particular quando se trata de gêneros menos trabalhados na escola, como é o caso do poema.

Assim, é indispensável que as novas tecnologias da informação e comunicação na educação (TICE) sejam incorporadas ao ensino e aprendizagem de gênero textuais, pois, dessa maneira, proporcionamos metodologias inovadoras e interessantes, capazes de contribuir para alcançar o objetivo de formar alunos-cidadãos autônomos e proficientes no uso da língua e da linguagem.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, M. C. M.; CAVALCANTE, R. S. Tecnologias móveis em educação: o uso do celular na sala de aula. *ECCOM*, vol. 4, n. 7, jan/jun. 2013.

CALDEIRA, F.; CAMARA, M.; LIMA, M. S. *Recursos tecnológicos e sua utilização na sala de aula*. Disponível em: <www.ctesop.com.br/.../artigos-2011.html?55%3Arecurso- tecnologicos-esua...sala-de-aula>. Acesso em: 07-09-2015.

DALVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, vol. 2, n. 4, p. 01-13, 2008.

DUARTE, R. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Caderno de Pesquisa*, nº15, p. 139-154, 2002.

FRANCISCO FILHO, G. F. *Professor e sua qualificação contínua*. São Paulo: Alínea, 2010.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GEBARA, A. E. *A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GERALDI, João Wanderley Prática de produção de textos na escola. *Trabalhos em Linguísticas Aplicada*, n. 7, p. 23-29, 1986.

_____ et al. (Orgs.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

KENSKI, V. MOREIRA. *Educação tecnologia: o novo ritmo do ritmo da informação*. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2010.

MORAN, J. M. *Novas tecnologias e medição pedagógica*. 15. ed. São Paulo: Papirus, 2009.

PICARELLI, M. *Lei que proíbe o uso do celular na sala de aula*. Disponível em: <<http://www.mauriciopicarelli.com.br/pg=noticia&id=14>>. Acesso em: 18-10-2015.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, S. J. A. Uso do celular em sala de aula: otimizando práticas de leitura e estudo dos gêneros textuais. *Anais do SILEL*, vol. 3, n. 1. Uberlândia: Edufu, 2013.

SOUZA, C. H. M. *Comunicação, educação e novas tecnologias*. Campos dos Goytacazes: FAFIC, 2003.

TOSCHI, M. S. *Docência nos ambientes virtuais de aprendizagem*. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0409.pdf>>. Acesso em: 22-10-2015.